

Encantamento: uma chave da consciência planetária à luz da Ecoteologia

Enchantment: a planetary consciousness's key watched for the Ecoteology

Afonso Tadeu Murad¹

Resumo

A Consciência planetária se caracteriza como a (re) descoberta de que o mundo se torna um todo, o ser humano é membro da Terra e deve assumir a responsabilidade pelo futuro habitável do planeta. O artigo reflete sobre uma das sete chaves para desenvolver em pessoas e grupos a consciência planetária: o encantamento. Inicia apresentando brevemente os conceitos fundamentais em jogo e as outras seis chaves: indignação, informação, visão sistêmica, atitudes individuais, ações coletivas e mística ecológica. (Re) encantar-se com o ecossistema implica experiência sensitiva e sensorial, como também traduz uma postura de vida. Fortalece nas pessoas a percepção acerca do caráter unitário do mundo. Reconecta o habitante da cidade com a “teia da vida”. Desenvolve a reverência a todos os seres, acolhendo o seu mistério. Do ponto de vista teológico, o encantamento não significa um retorno acrítico ao passado, marcado pela mentalidade pré-científica e ingênua, de um cosmo povoado por espíritos protetores. Então, faz-se uma leitura judaico-cristã dos 4 elementos (solo, água, ar e energia), como analogias que apontam para um modelo de compreensão multicêntrico e relacional no qual se colocam Deus, o ecossistema e os humanos. Por fim, mostra-se como a oração dos Salmos, ao articular encantamento e ética, criação e história, pode contribuir para o avanço da consciência planetária.

Palavras-chaves: Ecoteologia. Espiritualidade Ecológica. Reencantamento. Ecoespiritualidade.

Abstract

Planetary Consciousness is characterized as the (re) discovery that the world becomes a whole, human being is a member of earth and must take responsibility for the future of the planet habitable. The article reflects on one of the seven keys to developing people and groups in the planetary consciousness: the enchantment. He briefly introduces the fundamental concepts and the other six keys: indignation, information, systems view, individual attitudes, collective action and ecological mystic. Enchant yourself with the ecosystem involves sensory experience, but also expresses an attitude of life. This strengthens the people's perception about the unitary character of the world. Reconnects the citizens with the "web of life". Develops reverence for all beings, welcoming its mystery. From the theological point of view, the enchantment does not mean an uncritical return to the past, marked by the pre-scientific and naive mentality of a cosmos populated by guardian spirits. The article presents a Judeo-Christian vision of the 4 elements (soil, water, air and energy), a model and relational understanding multicenter arise in which God, the ecosystem and humans. Finally, it is shown how the prayer of the Psalms, charming and articulate the ethics, creation and history, can contribute to the advancement of planetary consciousness.

Keywords: Ecotheology.

Ecological Spirituality.

Reenchantment.

Ecoespirituality.

¹ Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana. Professor de Teologia Sistemática e Coordenador do Núcleo de Extensão e Especialização na FAJE-MG. Bolsista de produtividade em Pesquisa do CNPq. Email: murad4@hotmail.com

1 Introdução

Este artigo, baseado em uma comunicação no 26º Congresso Internacional da SOTER, apresenta elementos de reflexão de uma pesquisa teórico-prática em curso. O viés concreto se radica na experiência do autor em iniciativas de Educação para a Sustentabilidade. Dentre elas, destacam-se a criação e a implantação do Projeto “Amigo da Água”, entre 2000 e 2005. O “Amigo da Água” abrangeu um amplo leque de atuação, com diversos destinatários e interlocutores, no qual se incluíram crianças e adolescentes de escolas, universitários, professores (as) e voluntários jovens. O “Amigo da Terra” desenvolveu atividades presenciais, com divulgação em rádio FM voltada ao público jovem. Implantou e implementou um site que foi premiado duas vezes no “Top 3”. Promoveu a intervenção no evento de massa “Pop Rock Brasil”. Criou material de educação e comunicação, com sensibilidade para a cultura infantil e juvenil, como a trilha da água, os painéis móveis da “Via Crucis da Água”, os personagens “Doutor Água” e “Aguatrix”.

O “Amigo da Água” foi a ambiência em que se gestou o esquema básico das “Sete chaves da Consciência Planetária”. Iniciávamos a etapa de sensibilização com dinâmicas que apuravam os cinco sentidos. Fazíamos experiências de imersão em áreas de conservação ou junto aos mananciais de água. Percebemos então que a “chave de entrada” mais adequada para despertar as consciências consistia no que denominamos *encantamento*. A pessoa faz experiência sensível de sentir parte do meio ambiente. Comunga com ele. De outro lado, a consciência também desperta quando indivíduos e grupos provam o

desconforto diante da degradação ambiental e reconhecem que algo está errado e necessita ser mudado. Assim, identificamos que *encantamento* e *indignação* eram duas chaves complementares. Pergunta-se então: porque a realidade socioambiental está configurada desta forma? Quais as questões ecológicas mais importantes? Como elas se relacionam? É o momento didático de se concentrar nas chaves da *informação* e da *visão sistêmica*. A seguir, é necessário descobrir que há soluções e que elas dependem de nós. Nesta etapa, apresentamos as atitudes individuais e as ações coletivas, em âmbito comunitário e institucional. Na verdade, cremos que a mudança da realidade se faz simultaneamente com o compromisso das pessoas no seu cotidiano e com novas estruturas. Por fim, identificamos que o processo de crescimento da consciência planetária leva os seres humanos a um grau mais elevado de compreensão de si mesmos. Cultivam-se qualidade de vida, solidariedade, percepção de que fazemos parte de uma grande teia da vida, com suas belezas, mistérios e limites. Desperta-se para a sintonia com o Todo, para amar a vida em toda sua extensão. Na transversalidade de diferentes crenças religiosas, desenvolve-se uma “mística ecológica”. Embora apresentadas didaticamente em momentos distintos, as “sete chaves da consciência planetária” estão imbricadas e se compreendem em relação dialética.

No correr de vários anos, o autor deste artigo - como teólogo, ambientalista e educador - utilizou tais chaves de intelecção com vários grupos de jovens universitários, educadores de ensino fundamental, gestores de

escolas e empresas, e lideranças de Instituições religiosas. Por fim, a partir do ano de 2007, somou-se a experiência com os programas radiofônicos diários “Ecoagente – Amigo (a) da Terra”, destinados ao grande público, em linguagem coloquial, com duração de seis minutos cada um.

No âmbito teórico, o autor enveredou-se no estudo, pesquisa e docência em torno da “Ecoteologia”, corrente teológica recente que, na América Latina e no Caribe, desenvolve-se em íntima relação com a Teologia da Libertação. Nos anos de 2009 e 2010, cursou o MBA em “Tecnologia e Gestão ambientais”, na Escola Politécnica da USP. O contato com

colegas e professores, sobretudo da área de Engenharia, ampliaram notoriamente o campo de visão do teólogo. Forneceu-lhe arcabouço conceitual imprescindível para o diálogo profícuo de sua área de saber com as Ciências Ambientais, na perspectiva da viabilidade histórica.

Neste artigo, inicialmente apresentar-se-á uma síntese acerca dos conceitos básicos de “consciência planetária”, “ecoteologia” e “sete chaves da consciência planetária”, que foram explicitados em trabalhos anteriores. A seguir, desenvolver-se-á uma dessas chaves, o encantamento, à luz da ecoteologia cristã.

2 Conceitos fundamentais

Consciência planetária se caracteriza como a (re) descoberta de que o mundo se torna um todo, o ser humano é membro da Terra e deve assumir a responsabilidade pelo futuro do planeta habitável. Tal percepção se configura como modelo de compreensão que incide em homens e mulheres sobre a visão de si mesmos e das suas relações, levando a posturas, gestos, iniciativas e processos em vista da sustentabilidade. Também repercute na experiência religiosa, na relação com o Sagrado. Trata-se de significativa e ainda minoritária etapa da evolução da humanidade, implicando tarefa de expansão e aprofundamento (MURAD, 2013, p. 447-449). Na “Carta da Terra”, a consciência planetária é apresentada assim:

No meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar

forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a esse propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida e com as futuras gerações².

Ecologia e consciência planetária são termos correlacionados. A ecologia se desenvolveu como um saber acerca da relação entre todos os seres (bióticos e abióticos), que torna possível a continuidade da vida no planeta. Ao estudar de forma sistêmica as redes que constituem a biosfera, a ecologia possibilitou ao ser humano compreender-se dentro da teia da vida e assim superar o antropocentrismo exclusivista. Ademais, criou-se um vigoroso movimento de cidadãos e organizações, que se mobilizam para denunciar a destruição do ecossistema e lutar pela

² Disponível em <<http://www.cartadaterrabrasil.org>>. Acesso em: 26 out. 2013.

qualidade do ambiente físico e biológico. Neste sentido, o termo “ecologia” compreende ao menos três âmbitos diferentes e interconectados: ciência, paradigma e ética (MURAD, 2008, p. 40-53). Ou ainda: saber (es), visão de mundo e atuação em vista da sustentabilidade³.

Já o termo “Consciência planetária” acentua a superação das fronteiras locais, a ampliação de horizontes para um mundo uno, os processos comunicativos que rompem com compreensão tradicional de tempo e de espaço, a intensificação da teia humana que se tece na diversidade étnica, cultural, de gênero, sexual, generacional, inter-religiosa e multiconfessional. Na linguagem comum, “consciência planetária” e “consciência ecológica” são intercambiáveis, embora apresentem acentos próprios.

Ecoteologia é uma teologia contextual cuja especificidade reside em refletir sobre a relação dos humanos com os outros habitantes da nossa “casa comum”, à luz da fé cristã. Enquanto teologia, caracteriza-se como um saber elaborado de forma sistemática, crítica, sapiencial e esperançada, a partir da fé acolhida, professada, vivida e transmitida pelos cristãos em suas comunidades eclesiais. Como teologia contemporânea em diálogo com a sociedade, a ecoteologia propicia a releitura das fontes cristãs na perspectiva da interdependência de todos os seres, em vista da continuidade da teia da vida no planeta (LIBANIO; MURAD, 2011, p. 239-241, 258-262).

³ Conforme o conceito de sustentabilidade: “conjunto de processos e ações que se destinam a manter a vitalidade e a integridade da Mãe Terra, a preservação de seus ecossistemas com todos os elementos físicos, químicos e ecológicos que possibilitam a existência e a reprodução da vida, o atendimento das necessidades da presente e das futuras gerações, a continuidade, a expansão e a realização das potencialidades da civilização humana em suas várias expressões” (BOFF, 2012, p. 14).

A ecoteologia almeja compreender, de forma articulada e unitária, o projeto salvífico de Deus, que compreende: criação e evolução do cosmo, revelação de Deus na história, encarnação do Filho de Deus, prática libertadora de Jesus, morte e ressurreição, tensão escatológica e Nova Criação (MURAD, 2009, p. 280-296). Assumindo o megaparadigma que supera os equívocos do antropocentrismo egoico e destruidor, a ecoteologia amplia a ética cristã e a espiritualidade, ao incluir o cuidado com o ecossistema e a contemplação da “natureza”. Compreende, como um só movimento, a história humana e a evolução da matéria.

A consciência planetária é o horizonte de compreensão no qual se desenvolve a ecoteologia. Os teólogos (as) e as Igrejas cristãs escutam as questões postas por pessoas e organizações que se empenham pela sustentabilidade, e com isso ampliam seu horizonte de perguntas e a própria visão. De outro lado, a ecoteologia contribui para o avanço da consciência planetária, com o seu saber específico, a forma de viver a relação com o sagrado (espiritualidade), as ações individuais e coletivas suscitadas pela fé, em cooperação com múltiplos parceiros.

Chaves da consciência planetária.

O cultivo da consciência planetária inclui uma série de elementos interrelacionados. O que apresentamos como “sete chaves” tem efeito didático e simbólico. Poderiam ser agrupadas de outra forma. Privilegiamos essas, sem constituir um esquema fechado. Aludindo à imagem das “chaves”, compreende-se que sua função é abrir as portas do conhecimento, das atitudes e das ações pessoais e coletivas. Pode-se começar por qualquer uma delas. Elas atuam como elementos heurísticos e se

compreendem de forma simultânea e interdependente. No conjunto, visa-se a superar a postura unilateral em relação ao ecossistema de dominar, manipular, controlar e objetivar. Desenvolve-se assim a sensibilidade para cuidar, respeitar, reverenciar, reconhecer a alteridade dos outros seres e empreender políticas ambientais sustentáveis. Estimula-se repensar o ciclo de vida dos produtos (extração – produção – transporte – venda – consumo – descarte) e a forma como se realizam os serviços. As sete chaves seriam: encantamento, indignação, informação, visão sistêmica, mística, atitudes pessoais e ações coletivas.

As sete chaves em breves palavras

- *Encantamento*: experiência sensível de contato com o meio ambiente, que desperta no ser humano os sentimentos sintonia com o meio ambiente e de reverência diante do mistério de todos os seres.
- *Indignação*: postura ética originário de “desconforto” diante das situações que atentam contra a dignidade dos seres humanos, sobrecarregam os ecossistemas e comprometem a continuidade da “teia da vida” no planeta.

- *Informação*: conhecimento referente à situação dos ecossistemas no planeta, aos aspectos e aos impactos ambientais da ação humana, à configuração do antropoceno e às alternativas de sustentabilidade.

- *Visão sistêmica*: exercício da “alfabetização ecológica” como superação da visão analítica que fragmenta a realidade. Busca de compreensão holística e holográfica acerca da biosfera e do antropoceno.

- *Mística*: há elementos comuns das diversas tradições religiosas, ou fora delas. No horizonte cristão, é o desenvolvimento da ecoespiritualidade a partir da Bíblia, da Tradição Eclesial, do diálogo interreligioso e da sensibilidade aos Sinais dos Tempos, favorecendo a unidade da experiência salvífica.

- *Atitudes pessoais*: posturas individuais, traduzidas em ações cotidianas referentes ao consumo e descarte de produtos e serviços, ao estilo de vida e ao exercício da cidadania.

- *Ações coletivas*: complexo de iniciativas que abrange diversos âmbitos, do nível local à governança global, incluindo educação ambiental, gestão socioambiental, comunicação, legislação e comunicação.

3 A chave do encantamento

3.1. Encantamento: exercício e postura de vida

É conhecida a expressão de Max Weber, segundo a qual a revolução industrial produziu nos humanos um sentimento de “desencanto” em relação à natureza. Antes, acreditavam-se que vários fenômenos estavam

sob o controle de forças divinas, tais como o ciclo das chuvas ou a seca, a abundância ou a penúria das colheitas, a saúde ou a doença dos seres vivos. À medida que a ciência e a técnica avançaram, tais realidades se tornaram

explicáveis. A humanidade implementou meios para intervir nos ecossistemas, em proveito de si própria. Tal desenvolvimento foi necessário para superar a visão mágica que lhe deixava num estágio infantil, e libertar-se do domínio de certas forças da natureza.

Mas, talvez tenhamos ido para o extremo oposto. Os elementos abióticos, básicos do ecossistema, como a água, o solo, o ar e a energia do sol hoje são vistos somente como meros “recursos”. Reduziu-se drasticamente sua conotação simbólica e relacional. O mesmo se diz dos seres bióticos, como microorganismos, plantas e os animais. Perdemos o gosto em ver, ouvir, tocar os outros seres. Eles foram transformados em “capital natural”. Seu valor é avaliado a partir de sua utilidade para o processo de produção e consumo. Os seres que nos cercam, constituindo a “comunidade de vida” do planeta, são interpretados como coisas.

Acrescente-se a isso que o estilo de vida urbano privou o ser humano das possibilidades básicas de contato com o meio físico e biológico. Mesmo a natureza modificada para efeitos estéticos e paisagísticos está longe da maioria das pessoas. Não pisamos no solo, desconhecemos os ciclos da lua, não podemos mais ver as estrelas devido à intensa luz das cidades. A água nos chega encanada. Raramente há rios limpos ou nascentes nas proximidades de grandes cidades. Nos últimos anos, cresceu exponencialmente a capacidade de conexão virtual com a internet, e diminuiu a sintonia do ser humano com a *comunidade de vida* que o cerca e o constitui.

O encantamento que advém do contato gratuito com os ecossistemas vivos tem um poder ímpar para suscitar consciência

planetária. Não se trata de tentar inutilmente voltar à mentalidade mágica e pré-científica, mas sim de apurar a sensibilidade. Gestos simples, individuais e coletivos, constantes ou esporádicos, ajudam o ser humano a se *reconectar* com o meio ambiente. Há muitas possibilidades. Por exemplo: sentir o calor do sol no corpo, deixar o vento suave das montanhas tocar o rosto, ouvir o som das águas, cheirar as flores, tocar nas diversas texturas de folhas e galhos, saborear lentamente uma fruta, mergulhar no rio, caminhar no meio da mata, pisar na terra, percorrer em silêncio praias ou montanhas. Em educação ambiental, tal experiência sensorial realizada em pequenos grupos, seguida da partilha acerca das diferentes percepções das pessoas têm efeito impressionante.

Cultivar o encantamento é fazer a experiência prazerosa, sensível e sensorial de perceber-se como parte do meio ambiente. Observar, escutar, ver, silenciar... Ora, o que isso acrescenta à nossa (eco)percepção? Em que contribui para o desenvolvimento da consciência planetária?

Encantar-se (e reencantar-se) com a “comunidade de vida do planeta” ou “os sistemas vivos” nos ajuda a desenvolver a sensibilidade, que nós, adultos ocidentais urbanos, lentamente perdemos. É como “manter o coração de criança”, conforme a expressão utilizada nos evangelhos (Lc 18,17). Trata-se de desenvolver a habilidade de rir, cantar, alegrar-se, esvaziar a mente do excesso de ideias e de preocupações, deixar fluir, viver intensamente o momento, sem recorrer à superestimulação ou à simulação do real! Quando nos encantamos com algo ou alguém, sentimos o desejo de cuidar. Queremos saber

mais. Tal poder estimulador está na raiz de processos relacionais e cognitivos.

Envolver-se na natureza, seja ela preservada ou com certo grau de intervenção humana, possibilita reverenciar o mistério que está em todos os seres. Não se busca decifrar os enigmas daquilo que a ciência já explicou, mas descobrir novos significados. Por fim, tal contato sensível é necessário para reequilibrar os filhos da geração virtual, no que diz respeito ao espaço-tempo. No computador, pode-se simular, em um breve minuto, o inteiro ciclo de vida de uma árvore centenária. Na prática, ela cresce lentamente, no ritmo que é diferente do humano. Ora, o tempo acelerado e “desritmado” da vida moderna postula o contraponto dos ciclos de dia e noite, calor e frio, sons e silêncio. E o ser humano encontra seu equilíbrio ao aprender a lidar com seus ciclos próprios, articulando os polos de subjetividade e alteridade, eficácia e gratuidade.

O encantamento se exercita em práticas pessoais e coletivas, mas não se limita a circunstâncias, eventos ou momentos esporádicos. Constitui também uma postura, maneira de ver o mundo e de se situar nele. Como tal, esse “olhar encantado” para a comunidade de vida do planeta repercute na forma como o ser humano compreende sua existência, interpreta os acontecimentos pessoais e coletivos, alimenta a esperança, cria e recria sonhos. Nesse sentido, encantamento não se confunde com ingenuidade ou visão pré-científica dos fenômenos que nos cercam. Interessante notar como o substantivo “magia” e o adjetivo “mágico” povoam nosso cotidiano. O sentido atual destes termos se aproxima de

“encantamento”. Mas afasta-se de visão anacrônica pré-moderna, que atribui a espíritos ou outros seres invisíveis o poder de provocar fenômenos biofísicos e até regular o destino do ser humano.

O olhar encantado sobre o meio ambiente que nos cerca - e também constitui algo do humano - ajuda a fortalecer a percepção do caráter unitário do mundo, como casa comum, a morada na qual habitamos com outros seres bióticos e abióticos. Ao lado da perspectiva analítica da ciência, que busca compreender a realidade em suas partes, faz-se necessária “a experiência da unidade, de um vínculo que une todas as criaturas” (MORANDINI, 2008, p. 99). Assim, as harmonias características das diversas partes são reunidas “em seu entrelaçar-se, traçando o motivo único de uma sinfonia cósmica” (MORANDINI, 2008, p. 99).

A experiência pré-lógica, sensitiva e sensorial de (re) encantar-se e sentir-se conectado aos ecossistemas favorece a eco percepção unificadora. Somos parte da Terra. Ela não é compreendida como a soma fragmentada de ambiente físico, biosfera e humanidade. E sim como “totalidade complexa física/biológica/antropológica, em que a vida é uma emergência da história da Terra e o ser humano, uma emergência da história da vida terrestre” (MORIN; KERN, apud JUNGES, 2010, p. 116). Mais ainda, ao contemplar os ecossistemas vivos e interagir sensorialmente com eles, sem interesse prévio em instrumentalizá-los, o ser humano percebe intuitivamente a alteridade dos outros seres. Eles não são meras coisas. Daí brota a atitude de respeito e de cuidado.

3.2 O encantamento à luz da bíblia. Percurso pelos quatro elementos

Na bíblia, o fato de encantar-se com os distintos componentes da comunidade de vida do planeta não conduz a uma divinização dos elementos da natureza. Talvez essa seja uma característica da espiritualidade judaico-cristã. Somente Javé é Deus. As outras criaturas, sejam bióticas ou abióticas, manifestam a glória de Deus, mas não são divindades. O mesmo se diz do ser humano. Contrariando o costume dos povos em redor, Israel não eleva ao nível de absoluto as autoridades religiosas ou políticas. O rei, o sacerdote, o profeta, o messias prometido são ungidos por Javé. Neles pode repousar seu espírito (Is 11,2). Mas continuam sendo seres frágeis, finitos, sujeitos ao ciclo de vida e morte. Soberana é a palavra criadora e salvadora de Javé.

Todo ser humano é erva e toda a sua beleza é como a flor do campo. A erva seca, a flor murcha, quando sobre elas sopra o espírito (sopro) de Javé. Mas a palavra de nosso Deus se realiza sempre (Is 39,6-8).

Tomemos, por exemplo, os “quatro elementos”, presentes na mitologia e nas expressões religiosas de vários povos: *água*, *terra*, *ar e fogo*; que aludem aos seres abióticos ou meio físico, pois o fogo expressa a energia dos ciclos de vida, cuja fonte primeira é o sol. Para o povo de Israel, e também para a comunidade cristã das origens, nenhum desses é Deus. Mas cada um (a) expressa algo da originalidade do Senhor da Vida. Com a postura de encantamento, o ser humano se maravilha diante dos elementos biofísicos e se percebe como parte de uma realidade maior que o envolve e o constitui.

A *água* compreende o elemento primordial, já presente no início da criação (Gl

1,2). Ela expressa a *origem sem origem* de Deus, manancial de toda a vida (Sl 36,10), tanto em sentido cosmológico quanto ético. Neste segundo ponto, Javé é denominado “fonte de água viva”, ao qual o povo deve retornar constantemente, em atitude de conversão (Jr 2,13.19). O homem e a mulher justas têm sede de Deus e o procuram avidamente (Sl 42,2; 63,1). No evangelho de João, Jesus é anunciado como a fonte de água viva. Quem crê nele e permanece unido a Jesus, de seu interior fluirão rios de água viva (Jo 7,38).

O povo de Israel, no correr de sua história, paulatinamente abandonou os cultos de fertilidade que estavam ligados ao *solo*. No profetismo bíblico há um confronto claro e radical entre a fidelidade à Javé e a prática do culto a Baal (1 Re 18,21-40), divindade cananeia da fertilidade. No entanto, o solo continua tendo uma dimensão sagrada, pois ele é doado ao povo, para que cuide dele e assim garanta a subsistência. Israel oferece a Javé as primícias das colheitas, até a primeira farinha do pão (Nm 15,17-21). A cada sete anos, o solo deveria descansar (Lv 25,3-7). A fim de evitar que o solo se tornasse propriedade perene de futuras elites, instituiu-se o “ano da graça” ou do jubileu. Após a sequência de 7 x 7 anos, a terra seria devolvida à clãs de origem (Lv 25,8-13).

Na bíblia se usa o mesmo termo para designar a terra, como solo (Sl 65,9) e a Terra enquanto nosso Planeta (Sl 33,5). A sacralidade do solo reside não no fato de ser regido por uma divindade cósmico, mas sim porque ele provém como dávida de Deus. O cultivo do solo também possibilita a relação

dos membros do povo entre si e com o ambiente. Ao Senhor pertence a Terra e tudo o que ela contém (Sl 24,1), mas ele a concedeu aos seres humanos (Sl 115,16), para que a administrem com sabedoria.

Nos Salmos, apela-se a toda a Terra, isto é, ao planeta inteiro, para louvar a Javé e reconhecer agradecidamente seu amor gratuito e desmesurado. O encantamento se revela em especial no gesto de convocar toda a Terra para louvar a Deus: a comunidade de vida (biosfera), o povo de Israel e as outras nações (Sl 100,1, Sl 62.2.8). É encantador reconhecer que “a Terra está cheia do amor de Deus” (Sl 119,64).

O *fogo* tematiza a energia, cujo elemento vital é o sol. Na experiência judaico-cristã também não atribui ao sol ou ao fogo uma qualidade divina. Louva-se a Deus pelo sol (Sl 19,4), que preside o dia (Sl 136,8). A energia, a luz e a beleza do sol por analogia remetem a Deus. Javé é como o sol que nos ilumina (Sl 84,11). Também aquele que adere ao projeto libertador de Deus brilha como o sol (Jz 10,12). Já o fogo sinaliza a presença divina junto ao povo que caminha rumo à libertação. No longo e árduo trajeto no deserto, fazendo a transição da escravidão para a terra da liberdade, Javé acompanha os hebreus: “de dia, numa coluna de nuvem para guia-los. De noite, numa coluna de fogo, para iluminá-los” (Ex 13,21).

Nas escrituras judaicas e cristãs, o fogo evoca Deus e sua energia sem fim. Javé se manifesta a Moisés na sarça que arde em fogo, sem se consumir (Ex 3,2). Mas tal fogo não é uma força cósmica impessoal, e sim o Deus libertador, que ouve os clamores do povo que geme sob dura escravidão; comove-se com sua dor e “desce” das alturas para libertá-lo (Ex

2,13-25). Esse símbolo cósmico tem muitos significados. Dentre eles: a força de Deus que elimina o mal e purifica o ser humano de seus pecados (Is 33,14-16), o próprio amor erótico humano, que é uma faísca do amor divino (Ct 8,6). Mas também o conflito provocado pela mensagem de Jesus (Lc 12,49). E ainda a energia desbordante, sem fim, que habita na comunidade dos seguidores de Cristo, quando recebem o Espírito Santo como “línguas de fogo” (At 2,3). A manifestação do Espírito Santo em pentecostes provoca admiração e espanto (At 2,6). De certa forma, antecipa o sonho da planetarização: há uma enorme diversidade, mas cada um entende a mensagem em sua própria língua (At 2,8-11).

Por fim, o quarto elemento, *o ar*, é a imagem preferida pela Bíblia para se referir ao Espírito Santo, o sopro de Deus vivo. No Salmo 104,30 se diz: “Envias teu sopro e (todos os seres) são criados, e renovas a face da terra”. De acordo com MOLTSMANN (1987, p.23) “as criaturas são criadas com o afluxo permanente do Espírito divino, existem no Espírito e são renovadas mediante ele”. Se o Espírito Santo é derramado sobre toda criatura, então a fonte da vida está presente em tudo o que é e vive. As criaturas manifestam a presença da divina fonte da vida. Ora, o Espírito cria a comunhão de todas as criaturas com Deus e entre elas mesmas. A existência, a vida e o tecido das relações recíprocas subsistem no Espírito, pois “nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17,28). O Espírito cria, conserva, renova e leva à consumação o processo evolutivo da matéria e da consciência. Assim,

tudo existe, vive e se move em outros, com outros, para outros, nas conexões cósmicas do Espírito divino [...] Da e na comunhão do Espírito divino nascem os modelos e simetrias, os movimentos e os ritmos, os campos e

os conglomerados materiais da energia cósmica [...] O 'ser' da criação no Espírito é, pois, a cooperação, e as conexões manifestam a presença do Espírito na medida em que permitem conhecer a harmonia global (MOLTMANN, 1987, p. 24).

O Espírito de Deus não é o ar nem o vento. Novamente, na Bíblia não se divinizam elementos do ecossistema. Eles são simbólicos, sugerem algo da realidade de Deus, que é sempre mais do que um componente da natureza. Do Espírito de Deus se diz na Bíblia que ele é sopro impetuoso, como também é semelhante às línguas de fogo (At 2,2-3). Ao passar pelas águas e ser batizado, o cristão recebe o Espírito Santo (At 1,5) e participa do mistério pascal de Jesus (Rm 6,3s). Portanto, o Espírito Santo é primordialmente sopro (ruah) de Deus, mas também se manifesta como fogo e água.

Ao se afirmar que os entes cósmicos não têm *status* de divindade no judaísmo e no cristianismo, não se faz juízo de valor a respeito de outras tradições religiosas. Cada uma delas tem uma forma de interpretar a relação dos humanos com os outros seres e o

Sagrado. Importa reconhecer que, de diferentes maneiras, elas podem contribuir para o crescimento da consciência planetária.

À luz desta breve reflexão desvela-se a fragilidade da tese de Lynn White, segundo a qual a religião judaico-cristã teria grande responsabilidade na crise ecológica, pelo fato de desmistificar as divindades de natureza e colocar o ser humano no centro do cosmos. Ora, a fé bíblica não é antropocêntrica, e sim relacional e multicêntrica. O núcleo irradiador é o Deus-Comunidade, que cria e sustenta as relações dos humanos e de todos os outros seres. O encantamento do homem e da mulher, diante do Deus que se manifesta em suas criaturas - mas não se reduz a nenhuma delas - expressa-se como admiração, gratidão e louvor.

Vejamos, a título ilustrativo, alguns Salmos que se referem à experiência do encantamento com a "comunidade de vida" do planeta. Identifiquemos como esta manifestação religiosa contribui para a consciência planetária atual, ao articular a admiração com o compromisso ético.

4 Encantamento, louvor e ética nos Salmos

4.1 Louvor e responsabilidade

Se analisarmos os Salmos na perspectiva da moderna consciência crítica, não encontraremos neles fatores relevantes. Praticamente não há denúncias à destruição do ecossistema, nem ensinamentos claros a respeito do cuidado com o meio ambiente. A contribuição dos Salmos para a consciência planetária reside antes no seu olhar encantado sobre todos os seres e o ecossistema, que se

expressa em atitude de gratidão e louvor a Deus, a fonte da Vida (Sl 36,10). Os Salmos tematizam simultaneamente, em forma de oração, a interdependência de todos os seres e a salvação histórica a partir de formas de opressão bem conhecidas. O mesmo Deus que liberta o povo da escravidão do Egito e o acompanha no caminho para criar uma sociedade justa e solidária (Sl 136,10-24) é

Javé criador e ordenador do cosmos (Sl 136,5-9). Passa-se tranquilamente do nível da luta histórica em vista da libertação para o louvor da criação, e vice-versa. Em termos religiosos, encantamento se expressa como louvor. E o louvor, por sua vez, implica a ética.

O **Salmo 19** inicia-se proclamando:

O céu manifesta a glória de Deus e o firmamento proclama a obra de suas mãos. O dia passa a mensagem para outro dia; a noite a sussurra para a outra noite. Sem palavras, sem que sua voz seja ouvida, a toda terra chega o seu eco, aos confins do mundo a sua linguagem. Lá Deus armou uma tenda para o Sol, que desponta como um jovem esposo saindo de seu quarto... (Sl 19,2-5).

Testifica assim que há uma “revelação” de Deus no cosmos. Sem palavras, diferentes componentes do ecossistema transmitem uma mensagem divina ao ser humano. Tal percepção religiosa leva a descobrir na natureza os vestígios e sinais do amor de Deus.

A criação se torna um imenso cenário sacramental que convoca para a unidade cósmica [...]. Para quem descobre as maravilhas do Grande Artista, o mundo o universo, o cosmo se transforma em cenário sagrado, e a natureza, na sinfônica que interpreta as partituras da Vida (AGUIRRE, 2011, p. 61).

A segunda parte do Salmo desloca-se repentinamente da revelação cósmica para aquela do âmbito humano. Exalta a perfeição da Torá, o conjunto de orientações que expressava a aliança de Javé com seu povo. A Torá alegra o coração, ilumina os olhos, instrui e leva a pessoa a “descansar a alma”. Por fim, o salmista pede que Deus o livre do orgulho e da arrogância e o mantenha no caminho da integridade, do bem (Sl 19,8-14). Portanto, no mesmo Salmo se expressa o encantamento diante da natureza (no firmamento celeste, no ciclo de dias e noites, no percurso do sol) que

silenciosamente diz algo aos humanos, bem como a admiração pelas palavras manifestas na Torá. E do encantamento se passa para a ética: firme propósito de agir com retidão e sem vaidade.

O **Salmo 8** é tido por alguns como um raro texto bíblico de caráter antropocêntrico. Na realidade, ele defende que há um diferencial humano em relação aos outros seres, sem que isso constitua especicismo ou outra forma de preconceito. O refrão, uma grande inclusão, anuncia no início e no final: “Senhor, nosso Deus, como é grande o teu nome por toda a terra” (Sl 8,2.10). Tal poder, no entanto, é explicitado no louvor das crianças, daquelas que na sociedade judaica são consideradas pequenas, indefesas, sem os “direitos de cidadania” (v.3). A seguir, coloca-se a situação que suscita encantamento: contemplar o céu estrelado no silêncio da noite (v. 4). Daí brota a pergunta: Se somos tão pequenos diante da imensidão do cosmos, porque Deus se lembra de nós? (v. 5). Então, proclama-se que Deus constituiu o ser humano com o poder de reinar sobre os outros seres vivos (v. 6-9). A oração nos remete ao relato poético-simbólico de Gn 1,26-30, na qual se diz que os humanos devem dominar os outros seres. Uma compreensão unilateral, com viés antropocêntrico egoico encontrou nos dois textos a legitimação do ato insano de dominar despoticamente e destruir o meio ambiente.

Estudos bíblicos recentes mostraram que o verbo “dominar”, no original hebraico, não alude ao “Senhor da Casa” (dominus) romano, e sim ao pastor que cria, apascenta e cuida de seu rebanho, e dele retira o necessário para sua subsistência. O ser humano deve dominar como Deus domina: zelando pela continuidade da vida. Aliás, o Salmo não

termina exaltando o homem e a mulher, e sim a grandeza de Deus (v.10).

Em Gn 2,7 se diz que somos moldados do “barro da terra” e do sopro vivo de Javé. Trata-se de uma imagem inequívoca que representa a interdependência do ser humano com os sistemas vivos do planeta. De fato, somos “filhos e filhas da Terra”. Dela viemos e com ela estabelecemos relação. Por isso o salmista se extasia diante do céu estrelado. Fazemos parte da grande teia da vida, de um universo em expansão.

4.2 Louvor e visão sistêmica

O **Salmo 148** faz parte do grupo de Salmos, conhecido como “Grande Hallel”, que encerra este livro da Bíblia. Apresenta forma típica de Hino de louvor. Mas, não é uma oração dirigida diretamente a Javé, e sim um convite a todo o ecossistema com seus componentes, para louvá-lo. Na linguagem religiosa, não se fala em “ecossistema” ou “bioesfera”, e sim em “criação”. Tematiza-se assim que todos os seres, em relação, se originam da vontade criadora de Deus. O texto, como outros da Bíblia, não se presta para explicar como a matéria surgiu e se desenvolveu. A pergunta se move no horizonte do sentido, não da explicação científica.

No Salmo 148 se colocam juntos, de maneira tranquila, os diversos seres que povoam o ar, o solo e a água, juntamente com os humanos. Todos fazem parte da mesma comunidade de vida e são chamados para louvar Javé. Desde os animais selvagens, até os reis de outros povos e os “juizes da terra” são convocados para o louvor (v.10-11,13). Há uma unidade que inclui o “mundo de cima” dos seres celestes e o “mundo daqui de baixo”.

Não há como negar que à medida que as civilizações se desenvolveram, aumentou o poder de subjugação dos humanos sobre os ecossistemas. No momento em que se alcança um grau elevadíssimo de poderio tecnológico, é salutar recordar que a dominação sobre o meio abiótico e os sistemas vivos do planeta tem limites éticos e ecológicos. O mandato de administrar e gerir, de Gn 1,26-30 equilibra-se com aquele de Gn 2,15: “Javé Deus tomou o humano e colocou no jardim do Éden, para que o cultivasse e cuidasse dele”.

Segundo o salmista, o propósito de Deus é que no louvor esteja unida toda a criação, desde os céus mais longínquos até os abismos mais profundos. E isso impacta na forma de compreender e organizar a sociedade.

Confessar o Deus majestoso do Salmo 148 é ser parte de sua comunidade [...], entregar-se como JHWH (Javé) mesmo/a se entregou e se entrega por suas criaturas; louvar em meio aos dragões, aos animais do campo, às aves do céu, às águas [...]. É, finalmente, colocar-se em sintonia com toda a criação, em vez de oprimir por causa de cor, gênero, opção sexual, educação, classe social, status religioso e outros fatores [...] Salmos como este são uma janela à utopia do Reino (BACHMANN, 2013, p. 289-290).

A teologia cristã amplia seu horizonte, quando incorpora as descobertas da consciência planetária contemporânea. Com este paradigma, ao voltar às suas fontes, aprofunda, dilata e complexifica sua autocompreensão. E, por sua vez, percebe que contribui para a humanidade desenvolver sua relação de pertença, diferenciação e cuidado em relação ao planeta.

Os humanos fazem parte de uma grande comunidade de vida, que a fé cristã denomina “criação”, pois se origina em Deus, mas é diferente dele. A criação é um acontecimento trinitário: Deus, o Pai, cria por intermédio do Filho no poder do Espírito Santo. Todos os seres são criados a partir de Deus, formadas por Deus e existem nele. Há múltiplas relações entre a “comunidade criadora” do Deus trino e a criação: de imanência (Deus habita nela), de transcendência (a criação é diferente de Deus, tem sua autonomia) e de transparência. Há continuidade e ruptura entre a evolução dos cosmos e a história humana. Os Salmos tematizam isso muitas vezes de várias formas. O mesmo Deus que libertou o povo oprimido do Egito é o Deus criador.

No Novo Testamento se anuncia: Jesus de Nazaré, que passou pela vida fazendo bem e

inaugurando o Reino, é agora o Senhor glorificado que inicia a “Nova criação”. Assim, no hino inicial da Epístola aos Colossenses se diz que Jesus Cristo ressuscitado é tanto o primogênito de toda criatura (Cl 1,15), como também o primeiro irmão da humanidade, ao ressuscitar dos mortos. Nosso destino comum não é o caos e a destruição, mas sim a vida plenificada e transmutada, que na Bíblia se chama “novo céu e nova terra” (Ap 21,1).

O olhar encantado sobre a criação e a salvação acontecendo na história suscita, ao mesmo tempo, a atitude de louvor-gratidão e a interpelação ética para atuar em vista da continuidade da comunidade de vida no planeta, o que denominamos sustentabilidade. Reforça e qualifica a consciência planetária emergente.

5 Conclusão aberta

O ser humano urbano perdeu, em grande parte, a conexão com os sistemas vivos do planeta. Cercado de um ambiente artificialmente construído, não percebe o pulsar da energia e da matéria nos ecossistemas. Assim, tem dificuldades em cultivar a consciência planetária. Efetivamente, não se sente nem se compreende como parte da Terra. Na mesma linha, as práticas educativas nas escolas e nas Universidades privilegiam um conhecimento fragmentado, distante da experiência, analítico e com pouca dose de emoção. No dizer de MORIN (2011, p. 40):

A inteligência parcelada, compartimentada, mecanicista, disjuntiva e reducionista rompe o

complexo do mundo em fragmentos disjuntos, fraciona os problemas, separa o que está unido, torna unidimensional o multidimensional. É uma inteligência míope, que acaba por ser normalmente cega. Destrói no embrião as possibilidades de compreensão e de reflexão [...] Incapaz de considerar o contexto e o complexo planetário, a inteligência cega torna-se inconsciente e irresponsável.

Morin, na conhecida obra “Sete saberes necessários à educação do futuro”, sustenta que uma das tarefas de educação no novo milênio consiste em (re)situar a condição humana no mundo. Segundo ele, nossa espécie prova simultaneamente o duplo enraizamento no cosmos físico e na esfera viva, como também o desenraizamento (e estranhamento)

em relação a eles. Ao mesmo tempo estamos dentro e fora da natureza (MORIN, 2011, p. 44-47), pois somos seres que produzimos, acolhemos e transmitimos cultura.

A primeira chave da consciência planetária, denominada “encantamento”, constitui elemento metodológico e componente básico de nova postura, que nos ajudará, a todos, a reaprender nossa condição humana e a identidade terrena. Essa chave deve ser compreendida em conjunto com as outras. Encantamento sem indignação ética (segunda chave) pode conduzir a um refúgio etéreo e subjetivista, a distanciar-se das atitudes pessoais e coletivas exigidas pela consciência planetária (sexta e sétima chaves). A indignação nos leva a romper a indiferença, a anestesia e a frieza emocional diante do sofrimento dos seres humanos e da destruição dos sistemas vivos. A visão sistêmica, que articula informações e conhecimento (terceira e quarta chaves), é necessária para criar o arcabouço teórico de uma visão integral. A

mística ecológica (quinta chave), por sua vez, conecta-nos com Deus “o amante da vida” (Sb 12,1), em atitude de louvor, reconhecimento, gratidão e engajamento. Suscita atitudes de conversão, em vista de uma sociedade justa, fraterna e sustentável. Apura a sensibilidade, refaz o encantamento.

À luz da ecoteologia, afirma-se que o ser humano tem um lugar especial no projeto criador, salvador e recapitulador do Deus trindade. Por ser criatura, não é autorreferente. Insere-se com os outros seres num movimento maior de interrelação e interdependência amorosa, que tem uma meta, caminha para a plenificação. Gratuitamente recebe a vida como dom e tarefa. Assim, é chamado a zelar da vida em toda a sua extensão. Por isso mesmo, os filhos/as da Terra são também responsáveis para mantê-la habitável, até que ela se torne - no dizer do teólogo alemão J. Moltmann - *a Pátria e a Casa de Deus*, com suas criaturas transformadas.

Referências

AGUIRRE, Alírio Cáceres. “Entre ecologia e ecosofia: passos para uma hermenêutica ecoteológica” in: SUSIN, Luis Carlos; SANTOS, Joe F.G. **Nosso planeta, nossa vida. Ecologia e Teologia**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 41-68.

BACHMANN, Mercedes L. García, “La alabanza cósmica como utopia del Reino (Salmo 148)” in: OLIVEIRA, Pedro R. O; DE MORI, Geraldo (orgs). **Deus na sociedade plural**. Fé, símbolos, narrativas. São Paulo: Paulinas – SOTER, 2013, cap. 9, p. 275-290

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade**. O que é – o que não é. Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNGES, José Roque. **(Bio)Ética Ambiental**. São Leopoldo: Unisinos, 2010, p. 93-119.

LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. **Introdução à teologia**. Perfil, enfoque, tarefas. São Paulo: Loyola, 2011, 8 ed revista e ampliada, p. 258-262 (Ecoteologia).

MOLTMANN, Jürgen. **Dios en la creación. Doctrina ecológica de la creación**. Sígueme, Salamanca, 1987, p.22-26.

_____. **A fonte da vida**. O Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002, p. 31-32, 91-92, 118-122.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2011, ed. revisada, p. 34-52.

MORANDINI, Simone. **Terra esplêndida e ameaçada**. Por uma espiritualidade

ecumênica da criação. São Paulo: Loyola, 2008, p. 29-101.

MURAD, Afonso. Paradigma ecológica: gestão e educação ambientais, in: SOTER (org.), **Sustentabilidade da vida e espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 39-53.

_____. O núcleo da ecoteologia e a unidade da experiência salvífica in: **Pistis e Práxis**. Curitiba, v. 1, n. 2, p. 277-297, jul./dez. 2009

_____. “Consciência planetária, sustentabilidade e religião. Consensos e tarefas” in: **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 30, p. 443-475, abr./jun. 2013

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro; SOUZA, José Carlos Aguiar (Org.). **Consciência planetária e religião: desafios para o século XXI**. São Paulo: Paulinas, 2009.

Artigo recebido em 29 de outubro de 2013.
Aceito em 05 dezembro de 2013.